



CERESP é *Notícia*

SP 2300 • ANO 19 • EDIÇÃO 102 • FEVEREIRO DE 2012

Espiritualidade Redentorista *Irmão Bento*



Editorial

Caro confrade, com alegria volto a comunicar-me com você. O ano de 2012 segue veloz seu percurso. Espero que você se sinta nele incluído e motivado por uma provocação criativa. Que esta provocação contribua com a aquisição de novos conhecimentos e a descoberta de novas habilidades. É importante que se renovem diariamente as atitudes cotidianas para ampliar cada vez mais nossa visão de mundo. É preciso acompanhar as mudanças, levando sempre em conta a complexidade e a velocidade que elas nos impoem. Decisões precisam ser tomadas para equilibrar o desempenho e a pressão. Do contrário, não será possível ou viável “anunciar o Evangelho de modo sempre novo” (São Clemente Maria), com “renovada esperança, corações renovados, estruturas renovadas para a Missão”.

O ano de 2012 é um ano especial para nós Missionários Redentoristas. Ele é para nós o Ano da esperança, ano propício para rever nossa Vida Consagrada e nossa práxis missionária a partir das propostas do XXIV Capítulo Geral Roma/2010 e do Capítulo Provincial de 2011, que nos convocaram para fazer uma revisão da vida apostólica da

Joseph Hiebl (1837-1912), natural da Baviera, na Alemanha, era missionário redentorista Irmão. Filho de ricos fazendeiros, foi músico, escultor e pintor. Ingressou na Congregação Redentorista em 1857, fez a consagração religiosa em 1865 e ficou conhecido como Irmão Bento. Veio para o Brasil em 1897. Foi professor de desenho e matemática no Seminário Santo Afonso, de 1898 a 1901. Trabalhou em Aparecida (SP) e no Bairro da Penha, em São Paulo (SP). Suas atividades se concentraram nas pinturas e esculturas. Faleceu a 5 de novembro de 1912, aos 75 anos de idade.

Esse Irmão soube usar de seus dotes pessoais em favor da vida consagrada redentorista. Por isso, sua dedicação artística foi somada à missão e à espiritualidade redentorista.

Outro irmão, São Geraldo Majela (1726-1755), contemporâneo de Santo Afonso de Ligório (1696-1787), exerceu diversas funções na Congregação Redentorista. Inclusive, fez algumas esculturas barrocas, moldadas em papel machê, cola e tinta (Ecce homo, Crucificado). Pois esse santo Irmão tinha consciência de que as Devoções Católicas poderiam desencadear o fomento da fé e das práticas cristãs. Assim também percebeu, viveu e trabalhou nosso Irmão Bento. Por essa e outras razões, veio para o Brasil e aqui dedicou-se por quinze anos à evangeli-

zação, através da cultura devocional. Na hermenêutica da Arte Religiosa Católica soube expressar, em esculturas e pinturas, fatos marcantes do Mistério Redentor de Cristo. Também retratou os santos e santas de Deus, homens e mulheres, que gastaram suas vidas em favor da fé e das práticas cristãs.

Irmão Bento foi um daqueles missionários redentoristas talentosos, que tudo fizeram para convencer os devotos sobre a necessidade de cultivar a fé. A fortalecê-los na esperança. A persuadi-los a perseverar nas boas obras. A combater “o bom combate cristão” para guardar e garantir a plenitude da vida, com qualidades eternas.

A espiritualidade cristã, através da arte, continua sendo um dos modos eficientes para a catequese e humanização das pessoas!



Imagem do Sagrado Coração de Jesus, de autoria do Irmão Bento – Museu do Santuário Nacional

Ir. José Mauro Maciel, C.Ss.R.

Província de São Paulo, com a finalidade de renovar nossos Estatutos Provinciais, tendo sempre em vista a reestruturação para a missão.

Este ano será também para nós um ano de Ação de Graças. Nele queremos dizer a Deus muito obrigado pela vida do Irmão Bento. Um Missionário Redentorista simples e sensível. Seu modus vivendi muito nos questiona. Seu modus operandi para anunciar a Redenção é dinâmico e criativo. No silêncio de seu ateliê anunciou a “Copiosa apud eum Redemptio”. Aproveitando o Centenário do Irmão Bento o CERESP retomará as publicações do Informativo CERESP É NOTÍCIA. E para marcar o reinício

temos como principal matéria a Vida e obra do Irmão Bento. Aproveite este momento para conhecer um pouco mais esse Irmão Redentorista que com seu jeito simples de ser influenciou em seu tempo e continua influenciando em nosso tempo.

Espero que goste da nova diagramação e formato. Que este Ano Centenário do Irmão Bento ilumine sua vocação missionária e o faça vivê-la com entusiasmo e ardor, anunciando de forma sempre nova a Copiosa apud eum Redemptio aos “homens mais abandonados, principalmente os pobres” (Const. 1).

Pe. Vinicius G. Ponciano, C.Ss.R. Diretor

Aconteceu... Acontecendo... Acontecerá...

1. Jubileu de Profissão Religiosa

Numa bonita celebração eucarística de ação de graças, acontecida no Santuário Nacional e transmitida pela Rede Aparecida de Comunicação, celebramos a dedicação e o compromisso de 26 confrades redentoristas da Província de São Paulo, Goiás e Vice-Província do Recife. – No dia 29 de janeiro.

2. Jubileu de Ouro

A Vice-Província de Fortaleza comemorou os 50 anos de sua criação (1962–2012) de modo festivo, com Celebração Eucarística de Ação de Graças na Paróquia de São Raimundo Nonato, Bairro Rodolfo Teófilo, e lançamento do Livro A Vice-Província de Fortaleza, do Pe. Gilberto Paiva, C.Ss.R. – No dia 25 de fevereiro.

3. Estudos Interprovinciais coordenados pelo SIER, Secretariado Interprovincial de Espiritualidade

Acontecem em duas etapas, de 6 a 10 de fevereiro e de 5 a 9 de março com o tema - **A ESPIRITUALIDADE REDENTORISTA E NOSSAS PARÓQUIAS E IGREJAS MISSIONÁRIAS**, desenvolvendo os se-

guintes aspectos: *o Ardor Missionário e Apostólico de São João Nepomuceno Neumann - Igrejas Paroquiais Missionárias; Recapitulando a trajetória histórica da Paróquia; a Paróquia entre Renovação e Resistência e a Paróquia enquanto Instituição Econômico-Financeira.*

4. Inauguração de um Novo Seminário

A Vice-Província do Recife comemorou um fato de grande significado: A inauguração do novo Seminário Padre Antonino, construído no Bairro Cristo Redentor em Arapiraca, AL. Na programação de inauguração, acontecida no dia 13 de fevereiro, houve celebração eucarística acontecida na comunidade Cristo Redentor – Bairro Eldorado, procissão até o seminário e bênção das novas instalações.

5. Curso de Espiritualidade

Acontecerá em Roma mais um Curso de Espiritualidade Redentorista em língua espanhola, entre os dias 4 e 24 de julho deste ano. Como parte do curso haverá uma peregrinação aos lugares históricos da Congregação Redentorista na Itália.

Um Discípulo de Irmão Bento Francisco Ferreira ou Chico Santeiro (1892-1980)

Em se falando de santeiros paulistas, não podemos deixar de mencionar Francisco Ferreira, ou Chico Santeiro, como é conhecido.

Nascido em 1892, exerceu atividades desde cedo em Aparecida, embora seja natural de Cunha. Não é um santeiro primitivo; teve sua formação junto aos padres da Basílica de Aparecida, que souberam compreender seus pendoros artísticos quando criança ainda; divertia-se fazendo figuras com a cera derretida das velas dos romeiros. **Seu primeiro mestre foi um irmão leigo redentorista. Segundo o Almanaque Ecos Marianos seu mestre foi o Irmão Redentorista Bento Hiebl, velho artista entalhador alemão, do qual foi ajudante.** Depois, com 17 anos, foi para São Paulo e trabalhou no ateliê do entalhador imaginário Del Fabero, frequentando também os dos pintores Cercelli, Petecarati e Esparapini.

De volta a Aparecida casou-se aos 21 anos com D. Maria do Carmo Ferreira. Fez toda sorte de imagens, algumas de grande porte e concepção arrojada, como a Virgem da Matriz de Atibaia. Artista de grande inspiração e habilidade Chico Santeiro dedicou-se mais às fiéis reproduções da imagem original de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, sem contar os presépios, um deles excelente, em exposição no Museu de Presépios da Prefeitura de São Paulo, no Ibirapuera. Fez também reformas de antigas imagens.

Na história das imagens de São Paulo, Chico Santeiro representa, na verdade, o santeiro de hoje; portanto, faz mais parte da história a ser escrita no futuro do que daquela que tentamos esboçar presentemente. É um artista erudito, como todos os que, de uma forma ou de outra,



CDM – Santuário Nacional

exercem uma atividade artística, no presente e em nosso meio saturado pelos meios de comunicações fáceis que tornam difícil a existência de artistas primitivos, por assim dizer puros, sem influências estranhas, capazes, é certo, de os aperfeiçoar, mas ao mesmo tempo responsáveis pela perda da autenticidade primitiva.

Chico Santeiro foi um artista de nossos dias, desfrutando das vantagens de nosso progresso cultural. O estudo e avaliação de sua obra terá de ser feito sob este ângulo, no futuro.

Expediente

DIRETOR CERESP:

Pe. Vinícius G. Ponciano, C.Ss.R.

COORDENADOR DE PUBLICAÇÕES:

Pe. Inácio Medeiros, C.Ss.R.

PROJETO GRÁFICO:

Alex Luis Siqueira Santos

REVISÃO: Maria Isabel de Araújo

IMPRESSÃO: Editora Santuário

Irmão José (Bento) Hiebl 1837-1912

Nasceu: 4/1/1837 – Edling (Al.)
Profissão: 26/8/1865 – Bachham
Brasil: 13/9/1897
Faleceu: 5/11/1912 – Penha-SP

Nota: Pintor e escultor. Suas obras estão nos arredores de São Paulo, no Vale do Paraíba, no sul de Minas e arredores da atual Goiânia.

O irmão Bento era filho de abastados lavradores e nasceu a 4 de janeiro de 1837, em Edling, perto de Wasserburg, Arquidiocese de Munique. Enquanto frequentava a escola pública, recebeu aulas especiais de desenho. Nas horas vagas do serviço da lavoura, passava o tempo esculpindo pequenas imagens e pintando quadros; aprendeu também a tocar instrumento de sopro. O velho Hiebl negociava com ovos; comprava todos os que encontrava nos arredores e os levava a Munique; assim o pequeno teve muitas vezes ocasião de viajar para lá. José foi muito divertido em sua mocidade; uma vez tomou parte numa festa barulhenta e inconveniente, chamada Haberfeldtreiben, na qual tripudiou à vontade não vendo nenhum mal nisso; naquele tempo essa festa era muito espalhada no Sul da Baviera.

Chamado a ser Redentorista

Quando, em 1855, os redentoristas pregaram uma missão em Edling, José parecia inteiramente mudado; mormente o Pe. Matias Farbmacher, valoroso pregador de penitência († 1888, em Eggenburg — Áustria), causou-lhe profunda impressão com seus sermões fortes e eloquentes. Quando esse padre falava da morte, inferno e eternidade, os ouvintes pareciam contemplar tudo com os olhos, porque o próprio pregador parecia a morte per-

sonificada.

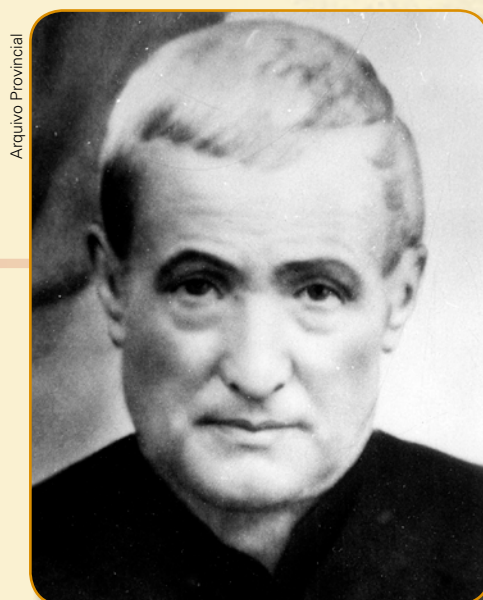
Desde essa data José perdeu todo o gosto nas alegrias do mundo, encontrando seu prazer na oração; entrou na Congregação Mariana e na Ordem III de São Francisco. Como filho mais velho, dono da propriedade paterna, renunciou a esse direito propondo-se entrar na vida religiosa. Apesar da relutância dos pais e irmãos, pediu admissão entre os redentoristas e foi aceito em Gars.

Evangelizar pela arte

José, que no convento recebeu o nome de Bento, fez o primeiro noviciado de novembro de 1862 até maio do ano seguinte, em Bachheim, sob a direção do santo padre Ludovico Rimmler, falecido em 1886, em Gars. O mesmo mestre guiou-o também no segundo noviciado, após o qual fez a profissão a 26 de agosto de 1865. Por essa ocasião o irmão Bento tornou-se benemérito, pintando com gosto a capela doméstica de Bachheim, embora tivesse tido pouca formação de pintura. Voltando depois para Gars, teve mais ocasião de aperfeiçoar-se na escultura, porque ainda lá se achava um escultor de mão cheia, o irmão Júlio Zumbusch. Desse artista o irmão Bento aprendeu muito, tornando-se independente na arte, fabricando modelos para estátuas de argila e gesso. Para que ele pudesse aprender também a douração, o padre Schmöger mandou vir de Haag um velho e bom pintor, chamado Beham, que lhe deu as necessárias instruções.

A segunda etapa foi a escultura propriamente dita, pois não sabia comunicar expressão e vida às suas estátuas, nem dar-lhes as proporções anatômicas por não haver nunca visto academias nem cursado aulas de anatomia.

Durante seus 40 anos de vida religiosa, irmão Bento fez, tanto na Província como na Vice-Província de São Paulo, numerosas estátuas para as diversas casas e também para estranhos — umas delas bem acabadas — causan-



Arquivo Provincial

do admiração a olhos menos artísticos, mormente aos lavradores. Em todo o caso, todas as estátuas eram perfeitas, no sentido de inspirar devoção.

Fiel Discípulo e Missionário

O irmão Bento rezava muito e com gosto enquanto esculpia ou cinzelava as estátuas. Sozinho em seu ateliê, muitas vezes fazia suas jaculatórias em voz alta de modo a ser ouvido por outros sem ele o perceber. Nas pausas rezava um rosário singular. Mil vezes Ave-Maria; daí a pouco duas mil vezes Ave-Maria, e assim por diante, até dez mil vezes em cada dezena. No segundo terço, vinte mil até cinquenta mil. Esse rosário era ininterruptamente recitado durante todo o trabalho. Muitas vezes meditava em voz alta a Paixão quando esculpia imagens de Jesus padecente, que sabia fazer expressivas. O irmão Bento rezava sempre que o trabalho o permitia; sempre que andava pelos bosques, campos e prados; em todos os seus passeios, mormente quando podia entrar em alguma igreja, ou quando a via de longe; com amor saudava e adorava Jesus presente na Eucaristia.

O irmão Bento era um grande amigo da virtude da pobreza; não desperdiçava coisa alguma e chamava a atenção dos outros irmãos nesse ponto. Quando para si precisava de alguma coisa, escolhia sempre a pior. Quando necessitava de batina ou qualquer outra peça, pedia ao Superior comprasse pano mais barato porque achava que o da comunidade era precioso demais para ele. Por ocasião do Kulturkampf, o irmão Bento retomou sua antiga calça de couro, seu velho paletó e, para o trabalho, uma blusa azul. Alguns irmãos deixaram crescer a barba, mas Bento a cortava com a tesoura dizendo que santo Afonso também assim o fazia. De 1865 a 1895, o irmão Bento ficou em Gars, exceto alguns meses que passou em Vilsbiburg, Rundsdorf, Duernnberg, DeggendorfeeHeldens-



Arquivo Provincial



Quadro de Nossa Senhora Aparecida de autoria do Irmão Bento – Museu do Santuário Nacional

tein, ocupado com pinturas ou confecção de estátuas; algumas vezes exerceu o ofício de porteiro e de segundo sacristão.

Novo Mundo, Nova Terra

Quando, em 1895, lhe perguntaram se estava disposto a vir para o Brasil, prontificou-se imediatamente e com alegria, na convicção de que, com suas imagens, poderia ajudar a converter os índios do Brasil à verdadeira fé, e colher, talvez, a palma do martírio. Empacotou diversos instrumentos de seu ofício e várias armas de defesa; tirou da procuradoria alguns punhais, um sabre e um revólver, e também um facão possante para se abrir caminho nas matas virgens. À despedida, ficou sério e abatido, como se estivesse arrependido. Parece que nos primeiros meses não se sentiu bem no Brasil, o que se deduz de uma carta

por ele escrita a seu irmão: “se eu soubesse que a coisa é assim, não teria vindo para o Brasil”. O irmão Bento passou quase todo o tempo em Aparecida; em 1910 foi transferido para Penha.

Em breve desapareceram as saudades da Baviera devido aos numerosos trabalhos encomendados por seculares, que o tinham como artista.

Nos primeiros anos do Juvenato, em Aparecida, foi irmão da escola apostólica, sendo muito querido pelos meninos, aos quais servia com solicitude maternal. Durante três anos foi mestre de desenho e caligrafia. Nunca chegou a aprender o português. Era um verdadeiro Gaudio, quando, na falta de padres, acompanhava a passeio os meninos. Quando esses queriam fazer alguma malandragem, corriam ao irmão Bento para pedir licença. O bom irmão, que nada compreendia, só dizia seu costumeiro “iá”, isto é, “sim”; e os juvenistas trepavam nas mangueiras, entravam nos tanques, com grande espanto do superior improvisado.

Fidelidade até o Fim

Nos últimos anos, enfraquecendo-lhe a vista e não podendo trabalhar, reviveram-lhe as saudades da pátria e chegou a manifestar o desejo de retornar ao velho mundo, o que não lhe foi concedido.

Três meses antes de sua morte, a unha do dedo grande do pé esquerdo cravou-lhe na carne. O irmão Bento mesmo fazia os curativos, cortava buracos no sapato, na região do dedo, até que em fins de agosto lhe caiu, sobre o pé, um pau pesado, arruinando horrivelmente a chaga. O irmão sofreu horrendamente, não podendo fechar os olhos nem de dia nem de noite. O médico cortou-lhe a unha em princípio

de setembro, mas o dedo inchou, passando a inflamação para o pé; o médico achou necessário amputar o pé, mas o irmão, que já contava 75 anos, tinha o coração enfraquecido, não suportaria a operação. Os remédios só tinham o fim de lhe aliviar as dores. No princípio de sua enfermidade, esteve, para melhor tratamento, no sanatório Santa Catarina, em São Paulo. Como o bom irmão sentisse saudades do seu convento e as numerosas visitas lhe fossem importunas, voltou satisfeito e contente para Penha em princípio de outubro. Aí começou propriamente seu calvário. “É incrível, dizia ele muitas vezes, o que o homem tem de suportar; é como se me cravassem no pé uma faca em brasas”. Irmão Bento era um irmão de tempera antiga, profundamente crente, homem de oração, qualidades essas que brilharam, sobretudo, em seus últimos dias. Durante sua enfermidade, jamais desapareceu o rosário de suas mãos; se às vezes este caía, nem o pé doente, nem coisa alguma o impedia de procurá-lo, e não descansava enquanto não o encontrava.

Era admirável sua paciência; às vezes exprobrava-se quando no meio das horríveis dores lhe escapava um gemido. Jaculatórias tornaram-se como que sua segunda natureza; conformava-se com os sofrimentos pedindo a Deus os aceitasse como purgatório de sua alma. A 3 de novembro de 1912, num domingo, pediu água benta, fez o sinal da cruz com a mão esquerda, porque a direita estava paralisada, e recitou várias orações jaculatórias. Ao meio-dia começou a perder os sentidos. Assim permaneceu até terça-feira — 5 de novembro. Nesse dia, às 14 horas, o irmão Bento entregou sua santa alma a Deus.

Dica de Leitura

Aproveitando o pedido do Superior Geral – Padre Michael Brehl – para uma leitura acurada sobre a vida e obra do Redentorista São João Neumann, o CERESP – Centro Redentorista de Espiritualidade, apresenta como indicação de leitura a obra do Padre Richard Boever, C.Ss.R.: *São João Neumann – Vida, escritos e espiritualidade* [tradução Pe. José Raimundo Vidigal]. Goiânia: Scala Editora, 2011.

São João Neumann dispensa maiores comentários. Todos nós conhecemos seu

ardor missionário, que o levou a atuar como Missionário Redentorista nas regiões mais inóspitas. Sua vida pessoal, comunitária e apostólica foi uma autêntica Kénosis: diminuição de si mesmo para o crescimento do outro. São João Neumann gastou seus dias em prol da redenção. Com renovada esperança, com coração renovado e rompendo criativamente com as estruturas obsoletas Neumann procurou no seu tempo “anunciar o Evangelho de modo sempre novo”.